

ANÁLISE DE ANTROPÔNIMOS NA GÍRIA LGBTQIAPN+ DO BRASIL

ANTHROPNYM ANALYSIS IN BRAZIL'S LGBTQIAPN+ SLANG

Huélinton Cassiano Riva

Doutor em Estudos Lingüísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho, UNESP.

huelinton.riva@ueg.br

<http://lattes.cnpq.br/3457831733173731>

<https://orcid.org/0009-0007-0326-529X>

Geórgia Alves Vasconcelos

Graduanda em Letras pela Universidade Estadual De Goiás (UEG/GO)

georgia.vasconcelos@aluno.ueg.br

<http://lattes.cnpq.br/2807749336581546>

<https://orcid.org/0009-0007-0326-529X>

Resumo: Esta pesquisa busca apresentar a relevância dos estudos *queer* e LGBTQIAPN+ no Brasil, articulando o pajubá (ou bajubá), nome dado ao conjunto de gírias do grupo dos LGBTQIAPN+ no país, à Lexicologia. Para isso, propõe-se selecionar e analisar algumas gírias LGBTs, em especial, aquelas antroponímicas, ou seja, as gírias formadas por nomes próprios, tendo como *corpus* as obras: “Aurélia, a dicionária da língua afiada” (Libi e Vip, 2006) e “Gaycionário – o dicionário revolucionário do século XXI” (Miller, 2017). Convém ressaltar que também foi utilizada a *web* como *corpus* para extração de exemplos das gírias em usos reais. Antes de se alcançarem nosso objetivo maior, apresentamos noções a respeito da importância dos estudos do léxico e, na sequência, aprofundamo-nos no tema de estudo do pajubá, para, enfim, chegarmos à proposta principal deste trabalho que é elaborar um glossário com gírias formadas com nomes próprios utilizadas por esta comunidade específica. Finaliza-se com uma descrição e análise dos resultados e, nas considerações finais, ressalta-se que o pajubá é um código linguístico identitário e de resistência. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, que visou reunir informações sobre o tema por meio da leitura, análise e reflexão de estudos científicos como monografias, dissertações, teses e outros textos já publicados para a elaboração deste estudo. Em especial, utiliza-se os estudos de Barroso (2017), Biderman (1987), Ferreira (2023), Preti (2000), Riva (2015), Silva (2017) para a fundamentação deste artigo.

Palavras-chave: Lexicologia; Antropônimo; Gíria; LGBTQIAPN+.

Abstract: This research aims to present the significance of *queer* and LGBTQIAPN+ studies in Brazil, articulating pajubá, the name given to the set of slang words of the LGBTQIAPN+ group in Brazil, to Lexicology. Consequently, we propose to select and analyze some LGBT slangs, particularly those that are anthroponymic, in other words, words formed by proper nouns, having as *corpus* the works: “Aurélia, a dicionária da língua afiada” (Libi and Vip, 2006) and “Gaycionário – o dicionário revolucionário do século XXI” (Miller, 2017). It is worth mentioning that we also employed the web as a *corpus* to provide examples of slang in real uses. Before reaching our main goal, we offer concepts regarding the importance of lexical studies and, subsequently, we

Building the way

explore the subject of study of pajubá, to finally arrive at the main proposal of this work, which is to establish a glossary with names used by this specific community. We conclude with a description and analysis of the results and, as final considerations, we emphasize that pajubá is a linguistic code of identity and resistance. The methodology used was bibliographic review, which aims to gather information on the topic through reading, analysis and reflection on scientific studies such as final graduation works, dissertations, theses and other texts already published for the preparation of this study. In particular, we are based on the studies by Barroso (2017), Biderman (1987), Ferreira (2023), Preti (2000), Riva (2015), Silva (2017) to support this work.

Keywords: Lexicology; Anthroponym; Slang; LGBTQIAPN+.

Considerações iniciais

A língua de determinado povo é repleta de palavras e expressões que podem variar de uma região para outra, de um período de tempo para outro, de um estrato social para outro etc. e, por diversos fatores, novas palavras e expressões nascem, muitas outras caem em desuso, surgem gírias, aparecem novas expressões idiomáticas, são aprimorados novos termos técnicos e, assim, confirma-se a vivacidade da língua. Esse é um dos motivos que revela a riqueza por trás da Lexicologia e que reitera a relevância que têm os estudos do léxico, pois abrangem tanto a descrição e análise do conjunto de palavras ou unidades lexicais que compõem uma língua quanto os estudos de uma ou diversas culturas.

Nesse contexto de constante evolução da linguagem humana, observa-se que muitos jargões, dialetos, socioletos e outras tantas formas de expressão da língua vão surgindo, como é o caso do pajubá, a gíria brasileira dos LGBTQIAPN+, grupo que engloba Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros / Transexuais / Travestis, Queer / Questionando, Intersexo, Assexuais / Agêneros, Pansexuais / Polisssexuais, Não binários e mais.

O pajubá possui influência africana, uma vez que é resultado da mistura de línguas africanas, principalmente do iorubá e do nagô, com a língua portuguesa, gerando um vocabulário gíriático do grupo LGBTQIAPN+ do Brasil. Como uma variação da língua, o pajubá também sofre mudanças rápidas, o que dificulta determinar de forma precisa todas as gírias e expressões existentes dentro dele.

Este artigo, que objetivou levantar, descrever e analisar gírias do pajubá com antropônimos, partiu de uma pesquisa mais ampla, que ainda está em andamento e cujo resultado esperado é a publicação de uma obra lexicográfica do pajubá. Ao

Building the way

buscarmos produzir um dicionário do pajubá, percebemos a riqueza desse socioleto e que as pesquisas sobre ele podem ser desdobradas em diversos outros trabalhos científicos.

Em nosso caso, como nos deparamos com inúmeras unidades lexicais do pajubá formadas com nomes próprios, caso de “a Betty Faria”, que significa desejar alguém, “fazer a Winona”, ou seja, furtar ou roubar algo, “fazer a Alice”, que significa fantasiar, idealizar e/ou sonhar demais, “dar a Elza”, que também significa furtar ou roubar algo ou alguém etc., decidimos levantar estas gírias e buscar as motivações culturais que influenciaram em sua gênese.

Ratificamos, assim, a importância de se estudar partes específicas do léxico de uma língua, porque as ciências do léxico mostram que as línguas não são estáticas, reinventam-se constantemente e são indissociáveis das culturas de determinados grupos sociais, variando no tempo, entre diferentes territórios e estratos sociais.

Nesse sentido, essa pesquisa se justifica pela importância de se estudar as variações linguísticas, em geral, que ocorrem dentro de quaisquer línguas e, nesse caso, especificamente, dentro desse linguajar paralelo que é o pajubá, utilizado como uma gíria do grupo dos LGBTs do Brasil. Trata-se, pois, de uma valorização e reconhecimento de um rico e inventivo conjunto lexical que, embora seja usado por uma parte dos LGBTs brasileiros, revela questões de acolhimento, pertencimento e identidade de tal grupo minoritário em nosso país.

No mais, cabe ressaltar que se trata de um trabalho inovador, com poucas pesquisas por meio do viés lexicológico e lexicográfico, e que precisa ser estudado com a finalidade de, além de mostrar seu caráter identitário enquanto portador de vozes e falas do grupo dos LGBTs, apresenta sua criatividade, riqueza e abundantes referências culturais a ele inerentes.

O pajubá é uma das muitas variações da língua portuguesa, caracterizando-se como um socioleto pouco conhecido pela maioria dos falantes. Isso ocorre porque suas unidades lexicais são gírias que possuem o propósito de preservar seus significados à parte da linguagem geral. Além disso, seus criadores e usuários, a comunidade LGBTQIAPN+, formam um grupo que, embora esteja há décadas lutando contra o preconceito e por igualdade de direitos, tem alcançado maior visibilidade apenas recentemente e conquistado de forma gradual seu espaço na

Building the way

sociedade.

Por ser uma variante dentro da língua portuguesa brasileira, o pajubá é um código linguístico utilizado por muitos falantes e que merece ser estudado para que cada vez mais pessoas conheçam suas gírias e possam entender a forma de falar desse grupo. No entanto, ressalta-se que a variação linguística nas gírias, de forma geral, acontece com celeridade e que, portanto, nosso objetivo não é exaurir o tema, mas trazer um recorte do pajubá em um momento específico e deixar em aberto esta pesquisa para que ela sempre seja complementada com estudos de gírias neológicas.

No respectivo estudo, objetiva-se fazer uma análise lexicológica do pajubá, elencando unidades lexicológicas e expressões antroponímicas utilizadas pelo grupo LGBTQIAPN+ do Brasil, a fim de estabelecer um glossário com estas palavras e expressões e mostrar o quanto a língua portuguesa é rica e está em constante transformação, com o surgimento de várias lexias e uma grande gama de variedades advindas de grupos que compõem a sociedade, como é o caso dos LGBTQIAPN+. Para isso, propõe-se, também, descrever e analisar nomes próprios nas gírias do grupo dos LGBTQs brasileiros e produzir um glossário com eles.

A metodologia adotada foi a de revisão bibliográfica, ou seja, com a utilização de materiais já publicados agrupados como base teórica para desenvolver, o suporte teórico a respeito do pajubá e criar um glossário com unidades lexicais e/ou unidades fraseológicas com nomes próprios que fazem parte desse conjunto de gírias. Ademais, também nos utilizamos da *web* como corpus para extração de exemplos, os tais recortes de co-textos das gírias, em usos reais.

Inicialmente, foi feito um levantamento bibliográfico desses materiais e autores como Barroso (2017), Biderman (1987), Borba (2020), Ferreira (2023), Preti (2000), Riva (2015, 2024), Silva (2017), entre outros, a fim de selecionar aqueles que vão contribuir para compreender a importância do léxico e de seus estudos e o que é o pajubá. Num segundo momento, foi feito um recorte de alguns nomes próprios e expressões do pajubá com seus respectivos significados, principalmente em Libi & Vip (2006) e Miller (2017).

Com a escolha deste tema, esperamos contribuir com quem se interessa em aprofundar seus conhecimentos sobre nossa cultura, nossa língua portuguesa e suas várias faces, destacando, em especial, as palavras e expressões gíriáticas do pajubá, um socioleto que além de rico, carrega muita ideologia e representatividade

Building the way

em sua história e usos.

A importância dos estudos do léxico

O léxico é o conjunto de palavras e expressões de uma determinada língua. Conforme pontua Biderman (1987), o ser humano criou e cria o léxico nomeando a realidade a sua volta, o que permite concluir que “A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras”. (Biderman, 1987, p. 81).

Nesse sentido, pode-se afirmar que estudar o léxico é importante tanto para conhecer a língua de um povo quanto para aprender sobre a sua cultura, como cada povo se expressa, como se comunica e como constrói e transmite sua cultura. Pois, conforme corrobora Silva (2017, p. 30) “O léxico de uma comunidade reflete bem mais que o seu conjunto de vocábulos, ao passo que carrega substratos históricos, culturais e ideológicos”.

O que é léxico?

O conceito de léxico é objeto de discussão de vários estudiosos do campo da linguagem. Em sua abordagem mais comum, diz-se que o léxico é o conjunto de “palavras” de uma determinada língua. Como o conceito de “palavra” varia muito dentro da Linguística, a Lexicologia, responsável pelos estudos do léxico, prefere utilizar “lexia” como um sinônimo mais preciso de “palavra”, subdividindo-a em lexia simples, caso de “coração”, que pode ser entendida como a parte do corpo humano ou, conotativamente, o lugar da emoção das pessoas, lexia composta, por exemplo “coração-de-estudante”, que é uma planta arbustiva da família das legumináceas abundante no Brasil, lexias complexas, como a expressão idiomática “de partir o coração”, algo que causa desgosto, desilusão ou tristeza profunda, ou como o provérbio “o que os olhos não veem, o coração não sente”, que significa minimizar os efeitos de uma traição ou de algo feito às escondidas e que se prefere ou não se conhece etc.

Considerando a definição apresentada por Biderman (1987), o léxico surgiu

Building the way

da necessidade humana de nomear seres, objetos e tudo que nos cerca. Por isso, o léxico de uma língua em uso não é inerte e definitivo, pois está em transformação constante: “É o léxico o único domínio da língua que constitui um sistema aberto, diversamente dos demais – fonologia, morfologia e sintaxe – que constituem sistemas fechados” (Biderman, 1987, p. 94).

Para Cunha (2019), as unidades lexicais se dividem em duas classes: a aberta e fechada. A primeira classe é aquela que permite a inclusão de novas palavras e nesta estão os substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. É a classe dos morfemas lexicais e lexemas. Na segunda classe estão as unidades que dificilmente sofrem algum tipo de alteração, como é o caso dos artigos, pronomes, numerais, conjunções, preposições etc. também chamados de morfemas gramaticais ou gramemas.

Diante do exposto, pode-se inferir que o léxico está presente na vida humana desde quando começamos a desenvolver nossa língua materna e, na medida que vamos crescendo, vamos entendendo a importância de cada lexia nos diferentes contextos de comunicação e passamos, também, a produzir novas lexias ou novos sentidos para lexias já existentes e, portanto, a participar ativamente das transformações do léxico de nossa língua.

Estudos do léxico e da cultura

Ainda de acordo com Biderman (1987), ao se apropriar de palavras para nomear tudo que o cerca, o ser humano criou os signos lexicais. À medida que as comunidades evoluem, a língua também vai se aprimorando, como é o caso dos termos técnicos, estudados pela Terminologia, que também é uma área das ciências do léxico. Logo, é correto dizer que o estudo do léxico está relacionado com o estudo da cultura, de forma que esta influencia para o surgimento de novas palavras e também para que os vocábulos caiam em desuso. A autora ressalta que:

[...] cada comunidade humana que forja seu instrumental linguístico para designar conceitos novos utiliza o modelo linguístico herdado por seu grupo social. Assim os termos técnico-científicos são gerados com base na lógica da língua em questão, segundo os padrões lexicais nela existentes (Biderman, 1987, p. 94).

A Lexicologia, que é a subárea da Linguística que tem o léxico como objeto

Building the way

de estudo, tem a função de acompanhar essas transformações que vão acontecendo a fim de registrar as alterações que vão surgindo no campo linguístico, como as gírias, as palavras novas e aquelas que não são mais usadas. Nesse sentido, pode-se dizer que o lexicólogo é alguém que estuda também a cultura de determinado povo ou comunidade, pois as “palavras específicas de uma língua representam ‘ideias complexas saídas dos costumes e formas de viver’ do povo” (Delbecque, 2009, p. 176 *apud* Silva, 2017, p. 32).

O estudo de Riva (2015) também constata que léxico e cultura estão intimamente relacionados, e que esta relação não é algo recente. Logo, nas investigações acerca das palavras e expressões de uma língua, deve-se também observar e analisar o aspecto cultural de seus falantes.

Pois, conforme argumenta o autor,

[...] a investigação do léxico de uma língua não é possível senão houver um estudo também da cultura. Trata-se, pois, do reconhecimento de que a coletividade constrói expressões simbólicas, figuradas e/ou peculiares, de suas representações mentais, manifestadas linguisticamente [...] (Riva, 2015, p. 9).

Ratifica-se, então, que estudar o léxico de uma língua é também estudar sua cultura, conhecer um pouco sobre a história, os costumes e as experiências de um grupo específico. Logo, algumas manifestações linguísticas só poderão ser entendidas no seu contexto de origem, como é o caso das gírias.

A importância do estudo das gírias

As transformações vividas na sociedade vão se refletir também na língua, pois vários grupos vão se formando, criando sua própria identidade com modismos, neologismos, regionalismos, gírias – como é o caso do estudo em questão sobre as gírias da comunidade LGBTQIAPN+ do Brasil – etc.

Apesar de não ser comumente encontrada nos dicionários da língua portuguesa, o estudo das gírias já é alvo de pesquisa de linguistas e pesquisadores que reconhecem que este é um fenômeno que reflete não somente a riqueza da língua, mas também a diversidade cultural de determinado povo. Por isso, estudar e pesquisar as gírias é conhecer e valorizar o aspecto cultural presente nas línguas.

Building the way

As gírias são variações linguísticas e apresentam vários aspectos de determinado grupo. Conforme argumenta Preti (2000), tal fenômeno, que está sempre em transformação, pode ser uma forma de autoafirmação, de contestação, de revelação de injustiças sociais, estando cada vez mais presente na linguagem popular, não sendo algo característico de uma classe específica, mudando a visão pejorativa em relação ao seu uso.

Preti (2000, p. 224) defende que:

A gíria, por exemplo, deixou de constituir apenas o vocabulário das classes de baixa escolaridade, como se acreditava até bem pouco tempo, para se constituir em mais um elemento expressivo da língua, ao lado de tantos outros.

Pode-se dizer então que estudar as gírias é estudar tanto as lexias simples, compostas e complexas que existem em uma determinada língua quanto conhecer e valorizar a forma como os grupos de usuários de tais gírias se expressam. Entre estas gírias está o pajubá, que apresenta um vocabulário variado, com palavras e expressões, como forma de representação linguística e cultural de um grupo.

Estudo do pajubá: as gírias dos LGBTQIAPN+ do Brasil e suas origens

Como se sabe, a língua de um determinado povo está em constante transformação, porque é viva e dinâmica, e as mudanças que ocorrem na sociedade também vão se refletir no léxico, pois conforme aponta Halliday (1994) *apud* Barroso (2017, p. 29), a “linguagem existe para atender às necessidades do ser humano e sua organização funcional”. É assim que surgem diversas variações linguísticas, caso das gírias e outras lexias específicas de uma determinada comunidade.

Dessa forma, surgiu também o pajubá, que engloba palavras e expressões utilizadas pela comunidade LGBTQIAPN+ do Brasil.

De acordo com Barroso (2017), o Português Brasileiro (PB) recebeu forte influência de línguas africanas, devido ao contexto histórico brasileiro de tráfico e escravização de africanos, no período escravista brasileiro.

Dessa forma, as várias etnias aqui escravizadas foram obrigadas a deixar de usar suas línguas em detrimento do uso do PB, e forçadas a apagar suas culturas. Porém, ainda que de forma restrita, houve influência de línguas faladas pelos africanos

Building the way

em geral e, também, de línguas de nossos povos originários no PB, expandindo, dessa forma, o léxico do povo brasileiro para um conjunto vocabular com palavras da língua portuguesa, a língua hegemônica naquele contexto de dominação, e de línguas africanas e línguas indígenas.

Uma dessas línguas, o iorubá, foi uma das línguas africanas que mais influenciaram o surgimento do pajubá. Mais recentemente, o pajubá tem sido estudado como um socioleto que teve influência direta do iorubá e do nagô mas, também, de línguas como a francesa, a inglesa, a espanhola etc. conforme apresenta Ferreira (2023).

Ainda segundo Barroso (2017), as línguas africanas são predominantes nos cultos africanos que acontecem no Brasil, como o candomblé e a umbanda, das quais o iorubá é uma das mais utilizadas, principalmente no candomblé. Como os LGBTs procuravam espaços para se sentirem acolhidos — é importante lembrar que são poucas as religiões que aceitam os LGBTs como seus membros — estes cultos se transformaram em redutos para muitos deles expressarem sua fé. Por isso, o pajubá, enquanto código linguístico do grupo LGBTQIAPN+ do Brasil, também possui origem africana.

Pode-se dizer que o pajubá “veio para ser trabalhado como uma “antilinguagem”, já que quebra os conceitos formais característicos de uma língua “tida” como aceitável pela sociedade” (Barroso, 2017, p. 42). Segundo o autor, o pajubá é classificado como gíria e se manifestou através da questão religiosa, nos cultos afro-brasileiros, e, como uma forma de os LGBTs estabelecerem uma identidade própria.

A respeito do pajubá, Ferreira (2023, p. 27) acrescenta:

Conhecido como o dialeto LGBT, o pajubá (ou bajubá) é muito mais que um punhado de gírias divertidas, como *lacre*, *bafo* ou *uó*. Trata-se de um conjunto vocabular que nasce no grupo dos LGBTs e que, cada vez mais, ele é incorporado ao vocabulário de muitos brasileiros, especialmente ao dos mais jovens, sem perder suas raízes históricas e, o mais importante, seu caráter de linguajar de resistência.

Diante da afirmação de Ferreira (2023), pode-se dizer que o pajubá é um socioleto que está sendo utilizado não somente pela comunidade LGBT, na qual ela surgiu, mas também pelos falantes em geral que se identificam com as palavras e

Building the way

expressões deste linguajar, ou ainda como forma de protesto e representação daqueles que se sentem excluídos da sociedade.

Quem faz parte do grupo dos LGBTQIAPN+ no Brasil

A sigla LGBTQIAPN+ engloba pessoas com diversas identidades de gêneros e várias orientações sexuais que não as hegemônicas. Embora não haja consenso sobre o acrônimo “ideal” que represente e abarque todo o grupo de pessoas que têm identidades de gênero e/ou orientações sexuais que não as hegemônicas, ou seja, que não sejam indivíduos cisgêneros, heterossexuais e binários, adotamos a sigla LGBTQIAPN+ por se tratar de uma das formas mais abrangentes e que têm sido mais usadas na contemporaneidade pelo grupo em questão, conforme pudemos apurar nas obras de Rondini (Rondini *et al*, 2021) e de Teixeira Filho e Cavaleiro (2021), além do que consta na Wikipédia (LGBT, Wikipedia, 2023).

Conforme descreve Ferreira (2023), a sigla LGBTQIAPN+ inclui:

[...] (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais / Transgêneros / Travestis, Queers, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e Não Binários). Já o sinal de adição engloba todas as diversas outras formas de identidade de gênero e de orientação sexual (Ferreira, 2023, p. 29).

Destaca-se que a sigla LGBTQIAPN+ é resultado de uma melhor especificação do grupo de indivíduos que não é hegemônico, ou seja, engloba indivíduos não heterossexuais e não cisgênero. O acrônimo em si, passou por diversas mudanças e ainda pode ser alterado ou atualizado, a depender de reconhecimento e/ou especificação de mais grupos dentro do grupo dos LGBTs.

A respeito das lutas pelo reconhecimento da diversidade sexual na sociedade brasileira, citamos Maia e Guzzo (2019) que dizem:

O movimento LGBT começa a se desenvolver no Brasil a partir da década de 1970. Neste momento, o país estava imerso em uma ditadura civil-militar (1964-1985) e, como forma de luta, o movimento passa a produzir publicações alternativas LGBTs. Entre elas, duas se destacam: os jornais *Lampião da Esquina* e *ChanacomChana*.

Portanto, foi justamente no período entre os anos de 1970 e 1980 que se iniciaram os movimentos de lésbicas e gays no Brasil. Tais movimentos eram mais

Building the way

conhecidos como movimento “gay” e/ou “homossexual”, o qual hoje podemos chamar de movimento LGBTQIAPN+ ou, abreviadamente, de LGBT.

No início dos anos de 1990, o movimento passou a ser chamado de GLS, ou seja, uma sigla que incluía gays, lésbicas e simpatizantes. Com o tempo, passou-se a incluir os bissexuais, na sigla GLBS (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Simpatizantes) e, algum tempo depois, para dar visibilidade também à identidade de gênero, o acrônimo novamente foi alterado para GLBT, para abraçar a causa das pessoas transgênero.

Já no início do século XXI, quando o movimento lésbico ganhou maior visibilidade, a sigla passou para LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis). Nos últimos anos, o acrônimo utilizado é o LGBTQIAPN+.

Ferreira (2023, p. 30) assim descreve cada letra da sigla LGBTQIAPN+:

Lésbicas: mulheres que sentem atração afetiva/sexual por outras mulheres; Gays: homens que sentem atração afetiva/sexual por outros homens; Bissexuais / biafetivos: indivíduos que sentem atração afetiva/sexual por homens e mulheres; Transexuais / transgêneros / travestis: indivíduos que se identificam com o gênero oposto àquele que socialmente lhes foi atribuído (em uma visão binária do gênero); Queer / Questionando: indivíduos que fogem do padrão heterocisnormativo ou aqueles que ainda transitam entre orientações sexuais e/ou identidades de gêneros sem distinção; Intersexo e intergêneros: indivíduos que destoam do padrão binário masculino e feminino para sexo biológico ou indivíduos que destoam do padrão binário masculino e feminino para sexo biológico e gênero; Assexuais e arromânticos: indivíduos que não sentem, ou sentem pouca, atração afetiva / sexual; Pansexuais ou panafetivos: indivíduos que sentem atração afetiva / sexual por pessoas, independente dos seus gêneros e orientações; Não binários: pessoas que não se percebem como pertencentes a um gênero, exclusivamente. Isso significa que sua identidade de gênero e expressão de gênero não são limitadas ao masculino e feminino. “+”: Demais orientações sexuais e identidades de gênero. O símbolo de soma ao final da sigla é para que todos compreendam que a diversidade de gênero e sexualidade é fluida e pode mudar a qualquer tempo, retirando o “ponto final” que as siglas anteriores carregavam, mesmo que implicitamente. (Ferreira, 2023, p.30).

É importante salientar que a sigla não é algo pronto e estabelecido, porque está sempre aberta às modificações de acordo com os usuários dela. O intuito é

Building the way

sempre reconhecer a diversidade dentro da diversidade e acolher tanto as novas quanto as designações aprimoradas de cada grupo ou subgrupo que fogem ao padrão heterocisnormativo.

Dando continuidade a este artigo, que deriva de um projeto de construção de um dicionário de gírias do pajubá, elencamos, a seguir, verbetes com gírias antroponímicas e fazemos análises de algumas das possíveis motivações que originaram tais gírias.

201

Proposta de glossário com gírias antroponímicas do pajubá e análise dos resultados

Para estabelecer o respectivo glossário foram utilizadas como corpus as obras “Aurélia, a dicionária da língua afiada”, de Libi e Vip (2006), e “Gaycionário - O dicionário revolucionário do século XXI”, de Miller (2017). Compor o glossário com antropônimos e expressões antroponímicas foi desafiador, principalmente no que se refere a encontrar seu uso na *web*. Por outro lado, constatou-se já ser possível pesquisar sobre as gírias LGBTs e encontrá-las em vários dicionários, glossários e listas na internet.

Constatou-se, por exemplo, que nomes de artistas e/ou pessoas célebres motivam o surgimento de gírias do pajubá. A apresentadora de TV Angélica, por conta de sua música mais famosa, “Vou de Táxi”, lançada em 1988, motivou o surgimento da gíria “Angélica” e suas variantes, caso de “ir/vir de Angélica”, “pegar uma/a Angélica”. Essa gíria, no pajubá, significa o mesmo que táxi, isto é, pegar um táxi, ir/vir de táxi.

Angélica → ir de táxi a algum lugar. ♦ Nhaí, amapô! Vamos de *Angélica* caçar uns bofes escândalos que eu tô doida pra apagar a vela e cansada de beliscar azulejo! E não venha fazendo a pêssega porque eu sei que você tá cheia do aqué enquanto eu tô toda caída! Então faça a chuca e vamos embora ou te dou a elza e vou sozinha, sua candanga! Disponível em: <https://cinebuzz.uol.com.br/noticias/pride/saiba-o-significado-das-girias-criadas-pela-comunidade-lgbtqia.phtml> . Acesso em 23 out. 2023.

O mesmo acontece com a expressão “a Betty Faria”, expressão idiomática gíriática que traz o nome da atriz Betty Faria e que significa, no pajubá, “desejar alguém” e cuja motivação recai no fato de o sobrenome dela, “Faria”, ser homônimo

Building the way

do verbo *fazer* no futuro do pretérito do modo indicativo.

a Betty Faria → desejar alguém. ♦ Já na comunidade LGBTQIAPN+, Betty é musa inspiradora de uma gíria que ilustra o desejo por outra pessoa. “Ah, a Betty Faria...”, brincam — lembrando que o verbo “fazer”, no caso, significa ficar com alguém. A atriz acha muito curioso todo esse movimento criado ao seu redor. – Sempre tive muitos amigos gays. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/televisao/noticia/2023/07/betty-faria-nao-vou-ficar-me-lamentando-e-debatendo-etarismo-nao-estou-no-ostracismo-porque-envelheci.ghtml> . Acesso em 12 out. 2023.

Outro nome famoso que entrou para o pajubá há décadas foi o da atriz norte-americana, Winona Ryder. Quando ela foi pega furtando em uma loja e o fato foi amplamente difundido pelas mídias, o nome dela se tornou, no pajubá, sinônimo de furtar, quando usada com o verbo “fazer”.

fazer a Winona → furtar. ♦ O Taylon, que já tinha fama de dar a Elza em todo mundo, tanto roubando os boys de todo mundo - a gente a chama de “talaricha”, uma mistura de talarico e bicha - fez a Winona e já “guardou” na bolsa uma taça de vidro do evento. Disponível em: <https://chagaperfumada.blogspot.com/2023/10/a-yag-que-dominava-o-pajuba.html?m=1> . Acesso em 24 out. 2023.

Nomes de personagens famosos também são bastante recorrentes no pajubá. São os casos de “fazer a Alice”, que significa fantasiar, idealizar e/ou sonhar demais, em alusão ao nome da protagonista da obra “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll; “fazer a Heleninha Roitman”, mesmo que ficar embriagado, referência à personagem alcoólatra da telenovela, “Vale Tudo”, escrita por Gilberto Braga, Aguinaldo Silva e Leonor Bassères e, ainda, “Barbie”, usual para se descrever gays musculosos, malhados, uma ironia criada a partir do nome da célebre boneca “Barbie”, da empresa estadunidense, Mattel.

fazer a Alice → fantasiar, idealizar e/ou sonhar demais. ♦ A Inter de Milão “desaquendou” Frank de Boer que vinha “fazendo a egípcia” na hora de colocar Gabigol em campo e colocou Stefano Pioli no comando. O novo treinador já chegou chamando o brasileiro pra uma conversa a sós. No primeiro clássico dos dois juntos, o ex “Boy Magia” da Vila ficou o jogo todo “fazendo a Alice” no banco de reservas. Passivo dentro de campo e ativo fora dele, Gabriel fez “carão” para o colombiano Bacca, arranjando um “bafão” e trocando “coiós” com o rival no fim do jogo. No fim das contas parece que os dias “uó” do

brasileiro estão chegando ao fim, se mostrando “versátil” pro “BF” só nos resta saber se ele será ativo ou passivo no elenco nerazzurri. Disponível em: <https://rinoesporte.wordpress.com/author/rinoesporte/>. Acesso em 06 jun. 2023.

fazer a Heleninha Roitman → embriagar-se. ♦ Várias pessoas achavam que eu bebia mesmo. Mas eu nunca fui de beber, só um vinhozinho com os amigos, um champagne, uma caipirinha no verão... Mas não suporto uísque, que era justamente o que derrubava a Heleninha. Eu nem podia passar em porta de bar que o pessoal gritava: “aê, Heleninha, quer tomar uma?”. Do chofer de táxi ao executivo engravatado. Até hoje morro de rir quando alguém diz que “vai fazer a Heleninha” e encher a cara. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/12/renata-sorrah-celebra-vale-tudo-e-entrega-uisque-de-heleninha-era-mate.html>. Acesso em 06 jun. 2023.

Barbie → gay musculoso, malhado. ♦ Uma parcela dos gays chamados e conhecidos como “*barbies*” vivem em um sistema vicioso que contempla uma vida glamourosa recheada de drogas e momentos efêmeros. Geralmente são bem sucedidos – fenômeno compatível com os valores cobrados pelos abadá e camarotes no carnaval de Salvador, o qual tem se tornado também efêmero, simplista e fundamentalmente comercial. Disponível em: <https://blogs.correio24horas.com.br/mesalte/opiniaos-gays-bombados-estao-estragando-o-carnaval/>. Acesso em 06 jun. 2023.

Marcas e/ou nomes de fantasia também são frequentemente usados como gírias no pajubá, como é o caso da expressão idiomática “essa Coca é Fanta”, que é usada quando se desconfia que alguém pode ser uma pessoa LGBTQIAPN+ e advem da comparação dos nomes de fantasia de dois diferentes refrigerantes da mesma empresa.

essa Coca é Fanta → diz-se de alguém que pode ter uma orientação sexual que não a declarada. ♦ Um dos comentários que mais tiveram repercussão foi o de um internauta que questionou: “Quando que essa Coca-Cola vai assumir que é Fanta?”. Luan Santana leu e respondeu à indagação, em tom bastante irônico: “Estava esperando você vir aqui para eu te dar a notícia exclusiva. Divulga para a galera aí”. Disponível em: <https://www.tvprime.ig.com.br/noticia/18741/musica/luan-santana-surge-em-foto-diferente-e-seguidores-o-chamam-de-gay-essa-coca-e-fanta-12122019>. Acesso em 06 jun. 2023.

Cabe ressaltar que uma das grandes dificuldades que encontramos em nossa pesquisa, foi a da busca por recortes de co-textos com as gírias do pajubá em uso para cada verbete antroponímico do glossário/dicionário que ora nos propomo-

Building the way

nos construir, uma vez que o número de gírias do pajubá em uso na modalidade escrita no PB é muitíssimo reduzida.

Portanto, a coleta de recortes de trechos de textos em uso real é demasiadamente difícil considerando quaisquer pesquisa no campo das gírias, sejam do pajubá sejam gírias de outros grupos de pessoas. Há de se antecipar, também, que, embora a web tenha se expandido nos últimos anos e continue em constante crescimento, é muito difícil encontrar para todas as gírias que fazem parte de nosso corpus, gírias sendo usadas de maneira orgânica em textos dos mais diversos gêneros, pois não há um corpus linguístico do pajubá.

No geral, pode-se dizer que nem todas as gírias possuem uma referência específica. Elas vão surgindo de acordo com as interações do grupo, com a convivência e experiências, de acordo com a necessidade de utilizar recursos para se expressar. Cita-se aqui a gíria “dar a Elza”, que significa furtar, roubar algo ou alguém e que, embora seja uma das gírias antroponímicas mais conhecidas pelos LGBTs, não se conseguiu encontrar a motivação cultural que marcou seu surgimento.

Destaca-se ainda que, embora o pajubá tenha sua origem marcada pelas influências de línguas africanas, como o iorubá e o nagô, sobretudo em seu uso em religiões de matriz africana, em uso por travestis e transgêneros em situação de prostituição, não foram encontradas gírias com nomes próprios do iorubá ou do nagô.

Apesar das dificuldades encontradas, percebe-se que a difusão do pajubá tem crescido com rapidez e que trabalhos científicos a seu respeito, a partir de diferentes vieses, têm se multiplicado exponencialmente, caso dos trabalhos de Borba (2020) e de Riva (2024). Acredita-se que será possível, em breve, criar um corpus linguístico do pajubá e que ele servirá de base para pesquisas sobre o tema para as mais variadas áreas científicas e obras artísticas, como é o caso do livro “Neca” (Moirá, 2024) e do álbum “Pajubá” (Linn da Quebrada, 2017) floresceram substancialmente e com a constância que o tema merece.

Considerações finais

O estudo das gírias pela Lexicologia é importante por diversas razões, dentre elas, destaca-se a clara demonstração das transformações que acontecem nas línguas. Os lexicólogos, portanto, por meio do estudo do fenômeno das gírias,

Building the way

conseguem refletir com propriedade sobre as línguas nas culturas e nas sociedades, pois, ao fazê-lo, ratificam que diferentes grupos sociais se comunicam sobre à sua maneira e sobre suas identidades por meio de variantes linguísticas para muito além da padrão.

Tal estudo contribui também para a compreensão da variação linguística e para a Sociolinguística, uma vez que mostra que diferentes comunidades e grupos sociais podem desenvolver vocabulários específicos, caso das gírias do pajubá usada pelos LGBTQIAPN+, e isso ajuda a entender como a língua pode se adaptar e se modificar em contextos específicos.

Aliás, sobre os estudos do pajubá, não poderíamos deixar de citar que tais gírias são frequentemente usadas para marcar o pertencimento a um grupo específico de indivíduos. Ao analisarmos as gírias LGBTQIAPN+, nós, lexicólogos, podemos descrever como as pessoas usam a língua para construir identidades e demonstrar seu pertencimento a certas comunidades. Construir glossários e/ou dicionários de gírias LGBTs é uma maneira de fortalecer, reconhecer e validar a existência desse socioleto específico.

Ao estudar essas gírias, a Lexicologia pode ajudar a compreender como as pessoas LGBTQIAPN+ utilizam a língua para falar sobre aspectos de sua identidade, orientação sexual, identidade de gênero etc. No mais, o pajubá desafia e desconstrói estereótipos relacionados à orientação sexual e identidade de gênero e é usado para refutar estigmas e promover uma representação mais autêntica e inclusiva de grupos minoritários.

Dessa forma, procuramos asseverar, por meio deste artigo, que a análise do pajubá e de sua origem, a partir da língua iorubá, faz-se necessária na Linguística, em especial, pela Lexicologia, pois, trata de um socioleto com base histórica e social: origem em línguas africanas, influência de grupos não hegemônicos em sua constituição, atualização e evolução recorrentes e com referências de outras línguas, de nomes de pessoas e/ou personagens conhecidos, da cultura digital, em geral etc.

As gírias que integram esse conjunto lexical se tornam elementos de afirmação social, que conferem aos falantes do grupo, identidade e autonomia na comunicação e reconhecimentos de seus pares. As gírias do pajubá refletem, portanto, o universo LGBT, dando visibilidade a este grupo e criando, na língua e por meio da língua, um elo de empoderamento entre os indivíduos LGBTQIAPN+.

Building the way

Pesquisar a respeito do pajubá não só nos permitiu conhecer um mundo particular de lexias e expressões, mas, principalmente, saber um pouco sobre os seus falantes brasileiros. Além disso, o estudo possibilitou constatar que a gíria em questão constitui uma representação de um grupo específico, sendo, portanto, um código linguístico de caráter identitário e de resistência de uma comunidade que luta por seus direitos e busca seu espaço na sociedade.

206

REFERÊNCIAS

BARROSO, Renato Régis. **Pajubá**: o código linguístico da comunidade LGBT. Dissertação (mestrado). Universidade do Estado do Amazonas, Escola Superior de Artes e Turismo. Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes – Manaus: 2017, 153p.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. **Letras de hoje**, Porto Alegre, PUCRS, v. 22, n. 4, p 81-96, dez de 1987.

BORBA, Rodrigo. Linguística queer: algumas desorientações. In: BORBA, Rodrigo (Org.). **Discursos transviados**: por uma linguística queer. São Paulo: Cortez, 2020.

CUNHA, Cláudio de Assis da. O léxico e as unidades lexicais: revisitando a teoria. **Guavira Letras** (ISSN: 1980-1858), Três Lagoas/MS, v. 15, n. 30, p. 15-30, maio/ago. 2019.

FERREIRA, Izabela Tereza Batista. **Desvendando o Léxico do Pajubá**, a gíria do grupo LGBTQIAPN+ do Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás UEG, Unidade Universitária de Porangatu/GO - como requisito para obtenção do título grau de Licenciatura em Letras Português/Inglês. Orientador: Prof. Dr. Huéinton Cassiano Riva. Porangatu – Go, Fev/2023.

LGBT. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=LGBT&oldid=65200377>. Acesso em: 12 nov. 2023.

LIBI, Fred; VIP, Ângelo. **Aurélia, a dicionária da língua afiada**. São Paulo: Editora da Bispa, 2006.

LINN DA QUEBRADA. **Pajubá**. São Paulo: Sentidos Produções, 2017. 1 CD (55 min).

MAIA, Matheus; GUZZO, Lucas. LGBT e universidade: conheça a história, ações e pesquisas da UFU. **Portal de Notícias da UFU**, Uberlândia, 28 jun. 2019. Disponível em: <https://comunica.ufu.br/noticias/2019/06/lgbt-e-universidade-conheca-historia->

Building the way

acoes-e-pesquisas-da-ufu. Acesso em: 06 jan. 2025.

MILLER, Leninha. **Gaycionário - O dicionário revolucionário do século XXI**. 2017.

MOIRA, Amara. **Neca, romance em bajubá**. São Paulo; Companhia das Letras, 2024.

PRETI, Dino. Transformações do fenômeno sociolinguístico da gíria. **Rev. Anpoll**, n. 9, p. 213-226, jul/dez. 2000.

207

RIVA, Huéinton Cassiano. **Dicionário das novas expressões idiomáticas brasileiras: anos 2000**. Sarbruque: Novas Edições Acadêmicas. 2015. 68p.

RIVA, Huéinton Cassiano. Desvendando o léxico do Pajubá, a gíria do grupo dos LGBTQIAPN+ do Brasil. *Caderno Pedagógico, [S. l.]*, v. 21, n. 2, p. e2876, 2024.

RONDINI, Carina Alessandra *et al* (orgs.). **Educação, Sexualidades e Direitos Humanos no Contexto Escolar**. Porto Alegre: Editora Fi, 2021.

SILVA, Deni Iuri Soares Candido da; Semântica, gênero e sexualidade: o conceito dos Pajubás da comunidade LGBT. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**. v. 2, n. 16 2017.

TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva; CAVALEIRO; Maria Cristina. Eu, o outro e as fobias no contexto escolar: da teoria à prática. In: RONDINI, C. A. *et al* (orgs.). **Educação, Sexualidades e Direitos Humanos no Contexto Escolar**. Porto Alegre: Editora Fi, 2021.